

O uso de recursos digitais em prol do surdo



Eduardo Maranhão
Jornalista, graduado em Letras e pós-graduado em Marketing. Atualmente cursa Pedagogia

O estado de São Paulo conta com aproximadamente 1,9 milhão de surdos. O dado é do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Apesar do número, a quantidade de recursos digitais que auxiliam na comunicação por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras) ainda é escassa ou pouco divulgada. No entanto, alguns aplicativos têm surgido e ganhado força dentro da sociedade, a fim de contribuir com a inclusão social do surdo.

Como exemplo, no interior de São Paulo, a Escola SESI de Regente Feijó implantou o 1º Curso de Libras Básico, com um nome bastante interessante: *Mãos que se comunicam*. A iniciativa, promovida durante o segundo semestre de 2015, apresentou aos estudantes dos Ensinos Fundamental e Médio, por meio de exposições práticas, os aplicativos Hand Talk e ProDeaf Móvel.

Essas ferramentas fazem a tradução da escrita em língua portuguesa e comando de voz para Libras. O Hand Talk, premiado internacionalmente e referência no segmento, é comandado por um simpático intérprete virtual, o Hugo, personagem 3D que torna a comunicação interativa e de fácil compreensão. Já o ProDeaf Móvel é um conjunto de softwares desenvolvidos para que as empresas possam promover acessibilidade e inclusão social para seus clientes e colaboradores.

Desse modo, a intérprete Luciana Aparecida Ruiz Correia apresentou os mecanismos aos estudantes para que funcionassem como auxílio na comunicação com surdos fora do ambiente escolar. "Os alunos adoraram as duas ferramentas tecnológicas, e a adesão superou expectativas", destaca.

Na escola, a busca por subsídios e a implantação do curso surgiram da necessidade de interação da discente surda Thayná Rafaely Pereira Neves Amaro, de 11 anos, com os estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. Na época, a estudante cursava o 5º ano em período integral, quando os intervalos eram em horário diferente do dos demais alunos, com os quais tinha pouco contato.

A iniciativa foi divulgada nas salas de aula pela intérprete, com Adriana de Souza Oliveira Gimenes, diretora da escola, e a coordenadora pedagógica Naraiana Elis Custódio Serrano. Também foi realizado um levantamento dos interessados. A adesão ultrapassou a quantidade de vagas oferecidas, e foi preciso realizar um sorteio. Agora, a escola dá continuidade ao curso, que está em sua segunda edição, para que mais alunos estejam aptos a se comunicar por meio da Língua Brasileira de Sinais com a estudante e demais surdos fora do ambiente escolar.

METODOLOGIA

A primeira edição do *Mãos que se comunicam* da Escola SESI de Regente Feijó foi realizada entre setembro e dezembro de 2015, em um total de oito aulas que aconteceram às quartas-feiras, com duração de uma hora cada, das 14h30 às 15h30. Alguns temas foram de grande relevância no ensino de Libras, como a história da língua de sinais e seu surgimento no Brasil, os níveis de surdez existentes, os comportamentos que devemos ter para falar com os surdos, regionalismos na Língua Brasileira de Sinais e a importância da expressão facial e corporal.

Contudo, o curso teve como predominância as aulas práticas, haja vista que “somente se aprende Libras praticando seus sinais”, conforme explica a intérprete Luciana. “Escolhemos como conteúdo os sinais que eram mais relevantes e que favorecessem a comunicação e o diálogo entre os estudantes ouvintes e Thayná”, acrescenta.

Nas aulas práticas, foram trabalhados o alfabeto manual (datilologia); os numerais cardinais, ordinais e indicadores de quantidade, a configuração de mãos, saudações, família, dias da semana, meses do ano, cores, materiais escolares, alimentos, tradução de textos escritos em datilologia, pronomes pessoais, plural (primeira, segunda e terceira pessoas), adjetivos e verbos. Os alunos aprenderam ainda as músicas *É preciso saber viver* (Titãs) e *Pais e filhos* (Legião Urbana), encenadas na entrega de certificados de participação no curso.



Fábio de Souza

Alunos aprendem Libras na Escola SESI de Regente Feijó, no interior de São Paulo

“Apliquei também uma atividade avaliativa em que o método foi observar a aprendizagem, a autonomia e a relação entre os sinais em Libras e a língua portuguesa. Optei pela atividade diagnóstica e fiz a correção e a vista da prova”, explica a professora, que ressalta que os estudantes, apesar do método aplicado, foram avaliados durante todo o curso, enquanto praticavam o alfabeto manual para a memorização da datilologia e apresentavam, em duplas, diálogos em Libras com os sinais trabalhados.

POSITIVIDADE

Quem mais se animou com a implantação do *Mãos que se comunicam* foi a aluna Thayná Rafaely. Por meio da intérprete, ela conta que ficou feliz por outros estudantes se comunicarem com ela através de sinais, destacando que conseguiu novos amigos: “No ano passado, eu quis que uma menina da minha sala participasse, e ela aceitou”.

A diretora da Escola SESI de Regente Feijó lembra que o objetivo do curso, desde o início, foi contribuir para o desenvolvimento intelectual e moral dos discentes, promovendo a cidadania,

bem como a inclusão de direito de Thayná. “O fato de termos essa estudante em nossa escola, acompanhada por uma intérprete de Libras diariamente, nos pareceu o momento ideal de fazer valer efetivamente ações que oportunizassem a inclusão”, conclui.

Libras é a segunda língua oficial brasileira, instituída em 2002 pela Lei n. 10.436 e regulamentada pelos decretos n. 5.296/2004 e 5.626/2005, os quais obrigam a sua aplicação como veículo de comunicação e acessibilidade aos surdos do País. Se mais projetos como o dessa escola fossem implantados, a inclusão social do surdo ocorreria de forma efetiva, e novos recursos digitais surgiriam. Além disso, as ferramentas que estão prontas e guardadas timidamente poderiam sair da gaveta e beneficiar milhões de pessoas. ■

www.educarbrasil.org.br